

1. Um dos propósitos deste ensaio é contribuir para uma definição do termo "tradução". E essa definição poderá resultar dos argumentos a serem apresentados. Portanto deverá o leitor aproximar-se do termo "tradução" por enquanto intuitivamente. ("Intuitivamente" significa: com definições de outros contextos.)
 - 1.1 Afim de indicar a essa intuição uma direção apontando estes argumentos, as seguintes considerações serão sugeridas:
 - 1.2 De fato há traduções, portanto elas são possíveis e necessárias.
 - 1.3 São possíveis, porque alguns sistemas coincidem de alguma maneira. (Essa coincidência é a traduzibilidade entre tais sistemas).
 - 1.4 São necessárias, porque alguns sistemas não coincidem de alguma maneira. (Essa divergência é a intraduzibilidade entre tais sistemas).
 - 1.5 Sistemas são elementos ordenados por regras. (A soma das regras é a estrutura, a soma dos elementos é o repertório dos sistemas).
 - 1.51 Alguns sistemas têm repertórios compostos de símbolos. Tais sistemas são chamados "línguas".
 - 1.52 Há dois tipos de símbolos: denotativos e conotativos. Símbolos significam algo. Símbolos denotativos têm relação unívoca com seus significados, símbolos conotativos têm relação equívoca com seus significados. O repertório da maioria das línguas é composto de símbolos de ambos tipos.
 - 1.6 Traduções entre línguas têm a ver com coincidência e divergência de repertórios, de estruturas, e de relações significativas.
 - 1.7 Este ensaio tratará principalmente de traduções neste sentido.
2. Que o seguinte seja uma teoria da tradução:
 - 2.1 Algumas sentenças de algumas línguas têm sentido. O sentido tem a ver com o significado dos símbolos que ocorrem na sentença. Esse sentido pode ser chamado "situação" (Sachverhalt). Uma sentença de um outra língua, que tenha por sentido a mesma situação, pode ser considerada tradução de uma primeira sentença de uma primeira língua.
 - 2.2 Essa teoria se opõe à experiência adquirida na praxis do traduzir. Pois a tradução não se dá assim: Toma-se uma sentença de uma língua dada. Verifique-se o seu sentido, (a saber: uma situação). Procure-se por sentença em outra língua dada que tenha por sentido a mesma situação. Mas se a teoria fosse válida, seria assim que a tradução deveria dar-se.
 - 2.21 A tradução não se dá assim, porque não existe método de verificação do sentido de uma sentença, (a não ser depois de traduzida a sentença, conforme sugerirá a argumentação seguinte). Querer verificar o sentido de uma sentença, é querer dizer aquilo que a sentença diz, portanto é querer sair da sentença para uma não-sentença. É querer dizer o indizível. A teoria é metafísica.
 - 2.3 A teoria deve ser recusada, por inverificável.
3. Que o seguinte seja uma teoria da tradução:
 - 3.1 Algumas sentenças de algumas línguas têm sentido. O sentido tem a ver com o significado dos símbolos que ocorrem na sentença. Estes significados podem ser chamados "conceitos", e o sentido da sentença pode ser chamado "pensamento". A sentença é pois a articulação de um pensamento, que lhe é sentido. Uma sentença de uma outra língua, que articule o mesmo pensamento, é tradução de uma primeira sentença de uma primeira língua.
 - 3.11 Esta teoria distingue-se da primeira, porque introduz, entre o nível da sentença, e o nível da situação, um nível do pensamento. Admite, pois, que a situação é inatingível. E afirma que não é necessário atingi-la, afim de traduzir. A tradução se dá pelo caminho mais curto através o pensamento comum a ambas sentenças, e não pelo caminho mais longo através a situação co

VILÉM FLUSSER
sobre as duas línguas.

- 3.2 Esta teoria se opõe à experiência adquirida na praxis da tradução. Pois a tradução não se dá assim: Tome-se uma sentença de uma língua dada. Verifique-se o seu sentido, (a saber: o pensamento articulado). Procure-se por sentença em outra língua dada que articule o mesmo pensamento. Mas se a teoria fosse válida, seria assim que a tradução deveria dar-se.
- 3.21 A tradução não se dá assim, porque não existe método de verificação de um pensamento inarticulado. Apenas depois de traduzida a sentença re-articula-se o pensamento, e portanto verifica-se o pensamento. A tradução é o método de verificação de pensamentos, e não, inversamente, a verificação de pensamentos um método de tradução. A teoria é circular.
- 3.3 A teoria deve ser recusada, por falsificada.
4. A praxis da tradução se dá assim:
 - 4.1 Tome-se um texto de uma dada língua. Verifique-se o seu repertório. Compare-se esse repertório com o repertório correspondente de uma outra língua dada. (Por exemplo: recorrendo a um dicionário.) Verifique-se a sua estrutura. Compare-se essa estrutura com a estrutura correspondente da outra língua dada. (Por exemplo: recorrendo a uma gramática comparativa.) Se o repertório e a estrutura das duas línguas coincidirem, terá surgido um texto na segunda língua. Esse texto é a tradução do primeiro texto.
 - 4.11 Esta é a causa da possibilidade de tradução por computadores.
 - 4.2 Na base desta observação, (que foi modelada pelas considerações sob 1.), deve ser fundada uma teoria da tradução.
 5. Em primeiro lugar será considerada a comparação entre repertórios.
 - 5.1 O repertório de um texto é composto de símbolos denotativos, ou conotativos, ou ambos.
 - 5.11 Para símbolos denotativos o dicionário ou contém símbolos correspondentes da outra língua, ou não os contém. Se os contém, os símbolos são traduzíveis. Se não os contém, os símbolos são intraduzíveis.
 - 5.12 Para símbolos conotativos o dicionário ou contém símbolos correspondentes da outra língua, ou contém símbolos que cobrem parcialmente o mesmo terreno significado pelos símbolos originais, ou não contém símbolos correspondentes. No primeiro caso os símbolos são traduzíveis "fielmente". (Isto é: a tradução se dá como no caso dos símbolos denotativos.) No segundo caso os símbolos são traduzíveis "livremente". (Isto é: a tradução é uma escolha do tradutor entre uma série de símbolos oferecidos). No terceiro caso os símbolos são intraduzíveis.
 - 5.2 Um texto é traduzível fielmente, na medida na qual contém símbolos denotativos, aos quais correspondem idênticos símbolos na segunda língua, e na medida na qual contém símbolos conotativos, aos quais correspondem idênticos símbolos na segunda língua. Um texto é traduzível livremente, na medida na qual contém símbolos conotativos, aos quais correspondem símbolos conotativos em outra língua que cobrem parcialmente o mesmo campo significado. Um texto é intraduzível, na medida na qual não contém tais símbolos.
 - 5.21 A diferença entre símbolos denotativos e conotativos, e o campo significado pelos símbolos conotativos, são verificados pela tradução, e apenas por ela.

VILÉM FLUSSER

- 5.3 Algumas línguas tendem para um repertório predominantemente denotativo. (Por exemplo: as línguas das ciências exatas). Entre tais línguas existe a possibilidade de traduções relativamente fieis.
- 5.4 Outras línguas tendem para um repertório predominantemente conotativo. (Por exemplo: as línguas das artes). Entre tais línguas a possibilidade de traduções fieis é remota.
- 5.41 Neste ponto está um dos problemas da crítica da arte. É também o da "liberdade poética".
- 5.5 Traduções entre uma língua predominantemente denotativa e outra predominantemente conotativa são possíveis de forma relativamente livre. E transformam o caráter do texto na tradução. Transformam o caráter denotativo do original e conotativo, e inversamente.
- 5.51 O primeiro caso se dá, por exemplo, na tradução de um texto científico para uma língua coloquial. Neste ponto está um dos problemas da popularização da ciência. Porque "comprender um texto científico" pode significar "traduzi-lo para uma língua coloquial".
- 5.52 O segundo caso se dá, por exemplo, na formulação científica de uma observação, (que é geralmente um texto de uma língua coloquial). Já que o campo significado por um símbolo denotativo é mais estreito que o campo significado por um símbolo conotativo, está neste ponto o problema da relativa "pobreza" do universo da ciência, em comparação com o universo das línguas coloquiais.
- 5.6 O problema não resolvido neste tudo é: como são elaborados dicionários, (e outros métodos de comparação entre repertórios)?
6. Em segundo lugar será considerada a comparação entre estruturas.
- 6.1 Línguas podem ser classificadas segundo o critério de semelhanças de estruturas. Este critério evidenciará semelhanças familiares mais próximas e mais remotas entre línguas.
- 6.11 Este tipo de parentesco não coincide, necessariamente, com as relações familiares genéticas, (etimológicas), entre as línguas.
- 6.2 O grau de parentesco estrutural entre duas línguas é também o grau da traduzibilidade entre ambas.
- 6.21 Em tese pode haver duas línguas de repertórios diferentes e estruturas idênticas. Neste caso hipotético o problema da tradução se reduz ao da comparação entre os repertórios.
- 6.3 Há critérios que permitem distinguir, na estrutura, regras básicas de regras secundárias. (Por exemplo: uma regra básica de algumas línguas é a construção sentencial "sujeito-predicado"). (Por exemplo: uma regra secundária de algumas línguas é o uso de verbos específicos no predicado de certas sentenças).
- 6.4 O sentido da sentença tem a ver com a estrutura da sentença.
- 6.41 Na medida na qual coincidem regras secundárias de duas línguas dadas, nesta medida é traduzível o sentido de um texto de uma para a outra. Na medida na qual as regras secundárias divergem, mas as regras básicas coincidem, nesta medida é "transferível" o sentido de um texto de uma para a outra. (Que "transferir" seja a manutenção de regras básicas e modificação de regras secundárias). Na medida na qual divergem regras básicas de duas línguas dadas, nesta medida não existe sentido que corresponda na segunda língua ao sentido de um texto na primeira. Neste caso o texto carece, na segunda língua, de sentido.
- 6.42 O sentido ou sem sentido de um texto se evidencia na tradução ou transferência, e tem a ver com semelhanças estruturais entre línguas. Não há sentido absoluto de um texto (i.e. válido para todas línguas possíveis). Mas há sem sentido absoluto de um texto (i.e. um texto sem sentido possível em qualquer língua possível).

VILÉM FLUSSER

- 6.5 Na medida na qual duas línguas divergem em suas regras básicas, nesta medida são sem sentido uma para a outra. (Por exemplo: a língua da pintura e a língua portuguesa). Mas em tais casos pode haver uma terceira língua, para a qual o sentido de textos das duas primeiras pode ser pelo menos transferido. (Por exemplo: a língua da geometria). Existe a possibilidade de transferência indireta.
- 6.51 Essa terceira língua é a metalingua das duas primeiras.
- 6.52 Uma metalingua é língua cujas regras básicas são mais gerais que as regras básicas de uma dada língua. As regras básicas da língua dada são regras secundárias da metalingua. A estrutura da língua dada é um caso especial da estrutura da metalingua.
- 6.53 Transferências indiretas são possíveis, se as estruturas das duas línguas, entre as quais cumpre traduzir, são casos especiais de uma estrutura de uma terceira língua.
- 6.6 O fato de ser uma língua dada metalingua de outra língua dada tem a ver com a praxis da tradução. Num dado contexto traducional uma língua pode ser metalingua de outra, em outro contexto traducional a relação entre ambas línguas pode inverter-se, em terceiro contexto traducional ambas as línguas podem encontrar-se no mesmo nível estrutural.
- 6.61 O critério da distinção entre metalingua e língua-objeto é a praxis da tradução.
- 6.62 Os conceitos "regra básica", "regra secundária", "estrutura geral" e "estrutura especial" são conceitos relativos a um dado contexto traducional. Todas hierarquias estruturais são relativas a contextos traducionais.
- 6.63 Por exemplo: Num dado contexto o português pode ser língua-objeto da geometria. Em outro contexto o português pode ser metalingua da geometria e inclui-la como caso especial. Em mais outro contexto o português e a geometria podem ser enfocados como objetos de uma metalingua, (por exemplo da lógica simbólica).
- 6.64 Hierarquias estruturais são questão de enfoque.
- 6.7 Sendo hierarquias estruturais questão de enfoque, pode ser transferido, em tese, o sentido de não importa que texto por não importa que língua, de forma indireta.
- 6.71 Se um texto tem sentido em uma língua dada, e não tem sentido em outra, (por divergência das regras básicas nas duas línguas), é possível, em tese, conferir ao texto sentido na segunda língua, pela construção de uma hierarquia estrutural. A questão se o sentido conferido tem a ver com o sentido original é questão de enfoque.
- 6.72 Aqui está outro problema da crítica de arte. Por exemplo é questão de enfoque, se um texto pictorial tem sentido articulável em português.
- 6.73 O conceito "questão de enfoque" tem a ver com o conceito "obra aberta" no significado de Umberto Eco. Pois como é enfocada um texto dado na tradução, assim ele é aberto. Aberto para outra língua.
- 6.74 O objeto ^{receptor} passa a ser mensagem, a língua original emissor, e a outra re-
- 6.8 A transferência indireta é decodificação de mensagem. O sentido da mensagem ^{de origem} está em relação com o sentido original numa questão de enfoque.
- 6.81 A relação entre o sentido decifrado e original vale para quem aceitar o enfoque do tradutor. A questão de enfoque não é nem objetiva, nem subjetiva.
- 6.82 As questões de comunicação ^{de origem} contêm elementos de transferência indireta, (e além de elementos de transferência direta, e tradução livre e fiel), toda comunicação é questão de enfoque, (intersubjetiva).

VILÉM FLUSSER

- 6.83 Em vez de dizer "aceitar o enfoque do tradutor", pode ser dito: "abrir-lhe confiança". No fundo, toda comunicação enquanto transmissão de sentido é questão de confiança.
- 6.9 O problema não resolvido neste tudo é: como são elaboradas gramáticas comparativas, (e outros métodos de comparação de estruturas)?
7. Uma teoria da tradução deve ser também uma teoria da transferência, e deve, entre outros, também considerar os argumentos apresentados sob 5. e 6.
- 7.1 Mas tal teoria pode assumir um campo ainda mais amplo, e incluir nele por exemplo também sistemas não simbólicos. Neste caso surgiria também por exemplo o problema da traduzibilidade entre o jogo do xadrez e a língua portuguesa.
- 7.2 A natureza pode ser enfocada como um sistema não simbólico.
- 7.3 Se uma teoria da tradução em significado amplo é ou não é uma metafísica, é questão de enfoque.